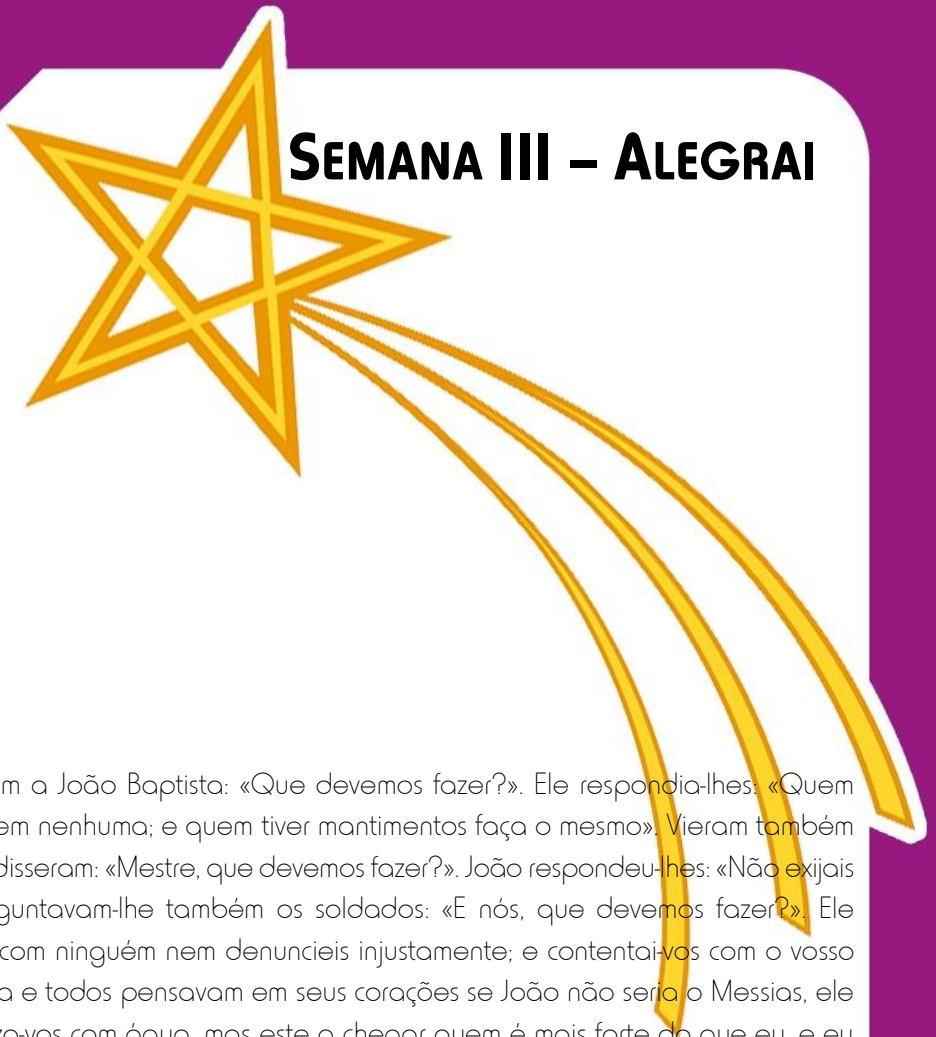


INICIATIVA ADVENTO



SEMANA III – ALEGRAI



Evangelho (Lc 3, 10-18)

«Que devemos fazer?»

Naquele tempo, as multidões perguntavam a João Baptista: «Que devemos fazer?». Ele respondia-lhes: «Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo». Vieram também alguns publicanos para serem batizados e disseram: «Mestre, que devemos fazer?». João respondeu-lhes: «Não exijais nada além do que vos foi prescrito». Perguntavam-lhe também os soldados: «E nós, que devemos fazer?». Ele respondeu-lhes: «Não pratiqueis violência com ninguém nem denunciéis injustamente; e contentai-vos com o vosso soldo». Como o povo estava na expectativa e todos pensavam em seus corações se João não seria o Messias, ele tomou a palavra e disse a todos: «Eu batizo-vos com água, mas este a chegar quem é mais forte do que eu, e eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias. Ele batizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo. Tem na mão a pá para limpar a sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro; a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga». Assim, com estas e muitas outras exortações, João anunciava ao povo a Boa Nova».

Frase do Papa Francisco

A Alegria de um cristão

«O coração do homem deseja a alegria. Cada família, cada povo aspira à felicidade. Mas qual é a alegria que o cristão é chamado a viver e testemunhar? É a alegria que vem da proximidade de Deus, da sua presença em nossa vida. Desde quando Jesus entrou na história, com seu nascimento em Belém, a humanidade recebeu a semente do Reino de Deus, como um terreno que recebe a semente, promessa da futura colheita. Não é mais necessário procurar em outro lugar! Jesus veio para trazer alegria para todos e para sempre".»

Reflexão

“A camisa do homem feliz”

O animador conta a seguinte história:

Certo rei, embora rico e poderoso, sentia-se muito infeliz. Como os melhores médicos do tempo não descobriram a razão, mandou chamar a sua presença o sábio da corte e perguntou-lhe qual a maneira de pôr fim a sua desdita.

E como a situação era assaz complexa, o sábio reuniu-se com colegas do mesmo ofício e depois de muito meditar, disseram ao Monarca:

- Senhor, se quereis ser feliz, deixai o reino e ide por esse Mundo, em busca de um homem verdadeiramente feliz que aceite ceder-vos a própria camisa. Só, então, Vossa Majestade deixará de se sentir infeliz.

E o rei partiu. Correu as sete partidas do Mundo, entrou em palácios reais e em choupanas humildes. Por toda a parte, ouvia queixumes, via correr lágrimas e sentia a presença inexorável da desgraça.

Regressava já, mais triste e desanimado, quando, num campo vizinho das fronteiras do seu reino, ouviu uma voz cantando alegremente.

Correu entusiasmado e deparou-se-lhe um pobre camponês que ceifava o centeio que havia de ser o pão da sua casa.

- Estais contente, bom homem?

- Pois não hei-de estar, Senhor, se tenho bons braços para trabalhar a terra que me sustenta e aos meus?!

- És, então, completamente feliz?

- Completamente feliz, meu Senhor.

- Pois poderás conhecer ainda maior felicidade, se me deres a tua camisa em troca de dinheiro e de muitas terras maiores e mais férteis do que esta, que te dá pouco centeio.

O camponês deitou para trás o barrete que trazia na cabeça, limpou o suor que lhe encharcava a testa e com um olhar profundo e sincero, respondeu:

- É impossível o que me pedes, Senhor. Eu nunca tive camisa.

Debater em grupo:

- Todos procuram a felicidade. O drama é procura-la onde ela não está. O conto diz-nos que ela não está no ter, no possuir.

- A proposta de Jesus é surpreendente. A felicidade está no viver das bem-aventuranças.

- Conheces o código de vida que Jesus nos propõe?

História

A Vela: uma luz

Durante o Advento, gostamos de nos sentar diante de uma vela acesa, procurando encontrar, na sua luz, a paz. As velas, os castiçais, exerceram, desde sempre, sobre os homens uma atração particular. A sua luz é cheia de doçura. Ao contrário do néon, cuja luz é tão crua, a luz da vela só ilumina o espaço à nossa volta, deixando tudo o resto na penumbra. O seu brilho difunde-se num ameno calor. Não se trata de uma fonte de iluminação artificial que deve expandir-se igualmente sobre todas as coisas. Pelo contrário, a luz da vela possui, na sua essência, as qualidades do mistério, do calor, da ternura. A luz da vela podemos olhar-nos a nós próprios; percebemos então, com um olhar mais doce, a nossa realidade, muitas vezes tão dura. Esta doçura dá-nos coragem para nos vermos tal como somos, e para assim nos apresentarmos diante de Deus. Poderemos então aceitar-nos a nós mesmos.

A luz da vela não ilumina apenas, ela também aquece. E, além disso, com o seu calor, traz o amor para o nosso espaço. Preenche o nosso coração com um amor mais profundo e mais misterioso do que o dos seres aos quais nos sentimos unidos: um amor que provém de uma inesgotável fonte divina, um amor que não é frágil com a aquele que trocamos entre nós, humanos.

Se deixarmos que essa luz penetre no nosso coração, podemos então sentir-nos plenamente queridos, com um amor que torna tudo, em nós, digno de ser amado.

É, afinal, o amor de Deus que vem até nós nesta luz da vela. A luz nasce da cera que arde: imagem de um amor que se consome. Ela dura enquanto dura a cera, sem pretensões de economia. No entanto, a preciso, por vezes, diminuir a mecha, sem o que a chama pode subir demasiadamente alto e espalhar a fuligem à sua volta. Há taberna uma forma de amar demasiadamente intensa, na qual nos esgotamos de

modo excessivo. Um tal amor não faz bem, nem a nós próprios nem aos outros, que são sensíveis ao que nele há de "fuligem": as intenções subjacentes, o excesso de vontade, o artifício, tudo o que faz com que esse amor não traga luz aos outros, mas antes obscuridade.

A vela compõe-se de dois elementos. Há em pinheiro lugar a chama, símbolo da espiritualidade que se eleva até ao céu. Conta a lenda que a oração dos padres do deserto transformava os seus dedos em chamas de fogo. A vela que arde é pois uma imagem da nossa prece. Assim os peregrinos gostam de acender, uma vez chegados ao fim da sua viagem, um círio que colocam no altar ou diante de uma estátua da Virgem, persuadidos de que a sua oração durara enquanto durar a chama. Esperam deste modo que a oração possa trazer luz às suas vidas e ao coração daqueles por quem acenderam o círio.

O segundo elemento da vela é a cera que se consome. Para a Igreja dos primeiros tempos, a vela, o círio, era, por isso mesmo, um símbolo de Cristo, Deus e homem ao mesmo tempo. A cera é a imagem da sua natureza humana que ele sacrificou por amor a nós, e a chama é a imagem da sua divindade. As velas que acendemos durante o Advento e no Natal lembram-nos assim o mistério da Encarnação de Deus em Jesus Cristo.

Nessa vela, é o próprio Cristo que se torna presente entre nós, e é ele que, com a sua luz, ilumina a nossa casa e o nosso coração, e os aquece com o seu amor. E é precisamente através da sua natureza humana que resplandece a natureza divina de Jesus. A vela mostra-nos pois, também, o mistério da nossa própria encarnação. Através do nosso corpo, e Deus que deseja fazer brilhar a sua luz neste mundo. Desde o nascimento de Jesus que brilha em cada rosto humano.

A ti que me lês, desejo que leves a muitos outros seres, durante o Advento, uma luz que ilumine, com doçura, tudo aquilo que eles prefeririam não ver neles próprios. Tornar-te-ás então, para eles, tal como a vela, uma fonte de vida e de amor.

Anselm Grun

Curta Meditação sobre as Festas de Natal

Música

Ala dos Namorados com os Shout! - Caçador de Sóis

Proposta em: <https://www.youtube.com/watch?v=fRMSNqjw48U>

Pharrell Williams - Happy

Proposta em: https://www.youtube.com/watch?v=db_Gu18_IQA

Filme

“João Batista prepara o caminho”

Proposta em: <https://youtu.be/tBukGcc8p-E>

Desafio

Os padrinhos

Esta semana tens como desafio trazer os teus Padrinhos de Promessa Escutista até à tua Sede, e ainda levares os teus Padrinhos de Batismo à Eucaristia no Domingo.

CAMINHAR PARA O NATAL

